

“É tudo novo”, de novo: as narrativas sobre grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital, por Vitor Filgueiras

Wesley Leonardo da Silva Lima¹

O livro, *“É tudo novo”, de novo: as narrativas sobre grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital*, escrito pelo autor Vitor Araújo Filgueiras, traz reflexões e aproximações sobre as mudanças no mundo do trabalho nas últimas décadas, traçando um caminho reflexivo-teórico que emerge e impulsiona as discussões recentes sobre o trabalho nas denominadas plataformas digitais, de modo que traça um paralelo também para a retórica do/a trabalhador/a autônomo/a nessas plataformas digitais.

O autor resgata as retóricas e narrativas atuais que estão sendo amplamente difundidas para tentar explicitar as mudanças no mundo do trabalho. Nesse sentido as narrativas empresariais colocam de algum modo o/a trabalhador/a numa posição de subordinação, ao explicitar que a classe trabalhadora precisa aceitar as condições que essas empresas ditarem, que o autor chama de recurso ideológico de convencimento.

Então, o ponto norteador de reflexão deste livro é que essas narrativas empresariais tem como intencionalidade de colocar o trabalho cada vez mais em precarização, com a farsa da “novidade”, e assim caminhando para um mundo do trabalho onde se legitimam políticas públicas e práticas que fragilizam cada vez mais os direitos desses/dessas trabalhadores/as e suas condições de trabalho.

Nessa perspectiva, o autor aponta que essas percepções de “novidades” no mundo do trabalho, na realidade como se apresenta, é uma retomada do “velho”, ou seja, promovendo as velhas formas de trabalho com a aparência de “novo”, reiterando e aprofundando a relação antagônica entre capital e trabalho.

Ainda assim, o autor demonstra que diante desse processo de ofensiva do capital, e defensiva dos/as trabalhadores/as (visto que vivenciam o desemprego de maneira intensificada, precarização e ataque aos direitos trabalhistas), a classe trabalhadora vai ficando cada vez mais vulnerável e sujeitos à absorver essas narrativas promovidas pelo capital.

¹ Graduado em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas.

O livro é dividido em cinco capítulos, que seguem a mesma estrutura, onde é apresentada as narrativas por alguns eixos, abordando, o novo cenário internacional e as políticas públicas; as novas tecnologias e seus desdobramentos no emprego, e o surgimento de novas empresas e suas repercussões para as relações de trabalho.

Ao reiterar sobre a inserção das novas tecnologias no mundo do trabalho, ele menciona o destaque que esse o trabalho em plataformas digitais vem recebendo, o autor destaca que essas empresas-aplicativos se expressam como meras empresas que fazem a intermediação do trabalho, e esses/essas trabalhadores/as são vistos/as como parceiros/as ou clientes, colocando em fragilização o próprio direito do trabalho.

Mas apesar do que aparenta ser na realidade, referente a essa liberdade mencionada por essas plataformas, onde os/as trabalhadores/as podem trabalhar quando quiserem, aparentando ser um trabalho flexível na rotina, essas empresas segundo o autor, utilizam essas novas tecnologias no que tange o trabalho, de modo que conseguem exercer um maior controle sobre esse exército de trabalhadores/as.

O autor aponta que isso é um exemplo que demonstra o controle do capital sobre o trabalho, onde a tecnologia que deveria ser utilizada para melhorar as condições de vida e de trabalho, acaba subordinada à lógica e interesses do capital, sendo utilizada para vigiar, controlar, punir, estranhar e explorar aqueles e aquelas que vivem do trabalho.

Nessa perspectiva, o autor reitera que, a tecnologia ao contrário do que foi prometida, não está associada à melhores condições de emprego, além disso, significa um fenômeno crucial da sociabilidade capitalista, sendo a tecnologia empregada em benefício privado, intensificando a subordinação e exploração do trabalho.

E nesse sentido, o autor expande as investigações no que se refere aos discursos atuais sobre liberdade, flexibilidade, empreendedorismo e autonomia, ele nos indica que é perceptível uma transferência de riscos aos/às trabalhadores/as, que implica no aumento do controle sobre esses/as trabalhadores/as.

Isto é, essas plataformas digitais, exigem apenas a assinatura de um termo de uso para que comecem a trabalhar para elas, sem contratos e sem direitos trabalhistas garantidos. São elas que determinam quem trabalha para elas, são elas que delimitam o trabalho que será realizado, como será feito o deslocamento, define qual trabalhador/a realizará tal serviço, determinam os prazos e os ganhos de cada atividade que será efetivada, a partir de algoritmos e dados, e para, além disso, utiliza de mecanismo arbitrários que bloqueiam sem explicações e/ou motivações explícitas, e isso é uma forma direta de controle e subordinação.

Vale ressaltar, o rigor teórico deste livro, que traz consigo uma gama de depoimentos e relatórios, de entidades corporativas e diversas instituições, uma vasta investigação feita pelo autor, trazendo pesquisas já finalizadas e outras em andamento, e referências bibliográficas importantíssimas para quem estuda o mundo do trabalho e seus desdobramentos na contemporaneidade.

Por fim, o autor faz as considerações finais, onde ele evidencia a ofensiva do capital contra o trabalho em escala mundial, corroborada pelas novas práticas de organização das empresas, bem como dos métodos de gestão da força de trabalho e também no âmbito das políticas públicas.

Onde o autor enfatiza que esse conjunto de fatores servem para aumentar o antagonismo entre capital e trabalho, para que isso ocorra, também é inexorável o desmonte do direito do trabalho e dos demais direitos sociais, bem como da fragmentação e enfraquecimento das ações coletivas vindas dos/as trabalhadores/as.

Referências:

FILGUEIRAS, Vitor. **“É tudo novo”, de novo: as narrativas sobre grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.